

A FOME SE RESOLVE COM PRODUÇÃO

Há consenso nacional em torno da questão do combate à fome. Todos concordam que é necessário reduzir, preferencialmente eliminar, os números que indicam os seres humanos que possam fome diariamente. Discute-se o número de famintos no Brasil: alguns dizem que são cinquenta milhões outros defendem que são somente (?) trinta milhões de pessoas. O certo é que a miséria que leva à fome precisa ser combatida.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho é um organismo social que tem como objetivo primeiro (assim definido na Carta de Princípios) “Auxiliar o Estado na solução de seus problemas e na busca do bem coletivo”, por isso adotou, desde o 46º Congresso Tradicionalista realizado em São Gabriel em janeiro de 2001, uma linha de ação em defesa do produtor rural e da produção primária. Acreditamos que o problema da fome não se resolve nas prateleiras dos supermercados e nem nos restaurantes populares. Não há governo capaz de distribuir gratuitamente alimentos a tantos famintos se a produção nacional não atende sequer a demanda dos que podem adquiri-los.

A primeira ação efetiva, com repercussão externa, foi a 1ª Cavalgada de Integração Nacional em Defesa da Produção Rural na qual tiveram participação fundamental entidades como a FARSUL e a OCERGS. Uma carta manifesto foi entregue , pelos cavalarianos, ao Presidente da República e ao Presidente da Câmara dos Deputados, em setembro de 2001, após percorrerem 2.000 Km desde Passo Fundo até Brasília. Sobre esse feito assim se manifestou o Deputado Federal Luiz Carlos Heinze, Presidente da Comissão de Agricultura e Política Rural: “É importante deixar registrado que gestos como este (...) contribuirá para acabar com a fome, a miséria e o desemprego (...)”.

A cavalgada a Brasília não foi em vão. A carta assinada pelo Presidente da Assembléia Legislativa e por mais dez entidades constituídas produziu efeitos e contribuiu para que a dívida dos produtores rurais fosse equacionada lhes permitindo continuar a produzir.

O MTG se orgulha de ter funcionado como elemento catalizador agregando vários segmentos da sociedade na busca de mais produção, mais alimentos e menos fome. O deputado Heinze em sua manifestação, acrescenta: “A

cavalgada empreendida foi de mais alta significância, pois além do apoio dado a agropecuária nacional serviu também como lançamento da semente que frutificará (...).”

Sabendo que as ações isoladas e sem continuidade produzem efeitos limitados e pouco efetivos, razão pela qual o MTG continua, pelo terceiro ano consecutivo, manifestando sua preocupação com a produção de alimentos e erguendo a bandeira em defesa do produtor rural, tanto que, no 48º Congresso Tradicionalista, realizado em janeiro passado, na cidade de Erechim, aprovou duas proposições de autoria de Celso Souza Soares e Valdir Antonio Secchi, que determinaram ações reais para a criação do “Departamento de Integração Estadual em Defesa da Produção Rural”, junto à Diretoria do MTG, e a “2ª Cavalgada de Integração Nacional na Defesa da Produção Rural”.

O Brasil possui terras ociosas e propícias ao plantio. A tecnologia, a biogenética e os equipamentos estão ao alcance de quem quer produzir. Temos tradição na produção rural e gente disposta a plantar. O que nos falta é uma política governamental que coloque o setor primário como prioridade, não no discurso, mas no orçamento. Também não se resolve a questão da fome produzindo mais com o único objetivo de exportação. O soja que exportamos garante divisas ao país, mas não garante alimento na mesa de quem tem fome. Ao mesmo tempo em que se investe em produção para exportação deve-se garantir produção de alimentos especificamente para a população brasileira. Estes alimentos devem estar à disposição por um valor que possa ser comprado por quem tem poucos recursos, é claro que há aí a necessidade de um programa de subsídios para determinados produtos e, até, um programa de compra da safra pelo governo com vistas à distribuição posterior a que precisa.

Os tradicionalistas gaúchos devem ter presente a sua responsabilidade enquanto cidadãos. Não basta resgatar, preservar e divulgar a nossa história, o folclore e as tradições, precisamos nos engajar com todos os setores da sociedade na busca incessante para reduzir as desigualdades e eliminar a exclusão social. Não haverá liberdade, igualdade e humanidade enquanto existir fome, enquanto perdurar a miséria, enquanto milhares de crianças morrerem de inanição.

Esperamos que estas iniciativas do MTG, agregadas a inúmeras outras que são tomadas pela FARSUL, OCERGS, Sindicatos Rurais, FETAG, Governos Constituídos, entre outros, possam contribuir decisivamente na solução da fome e

da miséria. O programa do governo federal “Fome zero”, deve ser um instrumento de conscientização e por ser audacioso precisa estabelecer metas claras de produção, antes de fixar metas de distribuição de alimentos. Sem produção não haverá distribuição, a não ser que se pretenda importar e, assim, aprofundar a crise da balança de pagamentos. Gostaríamos muito de ouvir o Ministro da Agricultura estabelecer uma meta de produção, para daqui a três anos, na ordem de trezentos milhões de toneladas de grãos. Os atuais cem milhões se mostram insuficientes para dar suporte a audácia do “fome zero”.

Porto Alegre, fevereiro de 2003.

Manoelito Carlos Savaris
Presidente do MTG